



Cidades em Crise, Comunidades em Movimento

Por Cecília Santos, para RAIZES.

2025/07/23

Os países do Sul Global, que incluem uma gama de países em desenvolvimento na África, Ásia e América Latina, enfrentam desafios urbanos semelhantes, complexos e multifacetados, que envolvem uma combinação de fatores sociais, econômicos, ambientais e políticos. Mobilizações sociais e populares estão cada vez mais focando em formas de cooperação fora do controle do Estado, reivindicando os recursos urbanos e a cidade como um bem comum. Além disso, espaços e práticas consideradas atrasadas e informais, como os das periferias, favelas e outros territórios populares, começam a ser reconhecidos por sua capacidade de promover comunhão, compartilhamento e cooperação [1].

O crescimento das cidades tem sido exponencial nas últimas décadas. Em 1950, aproximadamente 30% da população mundial vivia em áreas urbanas, número que alcançou cerca de 56% em 2020, com projeções de atingir 68% até 2050 [2]. Na América Latina e no Caribe, a urbanização saltou de 41,3% em 1950 para 81,2% em 2020 [3]. No



Brasil, esse crescimento foi ainda mais acelerado: a população urbana passou de 36% em 1950 para mais de 87% em 2022 [4].

Historicamente, os processos de urbanização são contemplados com o aumento da pobreza diante dos processos de modernização e industrialização. Atualmente, nas grandes cidades do Sul Global, como Nova Déli, São Paulo e Cidade do México, há mais pobres que ricos e essa realidade vem mudando o perfil socioeconômico dos centros urbanos, antes voltadas aos interesses das elites. As populações mais abastadas tem se isolado em condomínios e bairros de alto padrão, as vezes distantes dos centros, em busca de mais segurança e qualidade de vida, criando um “apartheid social” [5]. Por exemplo, cerca de 30% da população da Cidade do México vive abaixo da linha da pobreza . Em São Paulo, pelo menos 1,7 milhão de pessoas vivem em favelas — isso representa cerca de 15% da população do município [6]. Na Índia, país mais populoso do mundo, as estimativas indicam que cerca de 38% da população urbana reside em assentamentos informais, sem acesso adequado à infraestrutura básica [7]. Esses dados escancaram as profundas desigualdades urbanas nessas cidades.



Em São Paulo, Brasil, a favela de Paraisópolis é a segunda maior favela do município, onde a expectativa de vida média é 10 anos menor que no rico bairro vizinho do Morumbi [8]. Foto: Tuca Vieira.

Entre os principais problemas urbanos, destacam-se a falta de moradia, aluguéis caros, mobilidade precária e escassez de serviços públicos (como saneamento e manejo de



resíduos). A mobilidade está diretamente ligada ao direito à cidade, que garante o acesso a espaços e equipamentos públicos de lazer e trabalho. A habitação, embora essencial, tornou-se uma mercadoria cara e inacessível para grande parte da população, que, sem recursos financeiros ou herança, precisa recorrer a financiamentos bancários com juros exorbitantes. Para a classe trabalhadora, a habitação é uma necessidade básica, enquanto para os capitalistas, é uma fonte de lucro, seja por meio da construção, dos juros bancários ou dos aluguéis. A falta de acesso a uma moradia adequada e a exclusão do mercado de habitação forçam a população a viver nas periferias ou favelas, onde a infraestrutura e os serviços públicos são deficientes, e o direito à cidade é negado [9].

A luta por uma cidade mais justa passa pela organização nos territórios urbanos e pela aplicação efetiva das leis e estatutos existentes, que ainda falham em garantir a função social da propriedade e a inclusão de todos no direito à cidade [9]. A mobilização dos povos periféricos, favelados e da classe trabalhadora nas cidades tem sido uma forma de resiliência e reinvenção diante das adversidades impostas pelas desigualdades. Essas comunidades, que frequentemente vivem à margem dos centros urbanos e das oportunidades econômicas, têm desenvolvido práticas de luta e resistência para ressignificar e reivindicar seus espaços dentro da cidade.

Essas práticas incluem hortas comunitárias, ocupações urbanas organizadas por movimentos de moradia, mutirões de construção de creches e centros culturais autogeridos, redes populares de saúde, bibliotecas comunitárias e coletivos de cultura periférica. Em São Paulo, destacam-se iniciativas como a Quebrada Alimentada, projetos de moda periférica como o Periferia Inventando Moda, e cursinhos populares da UNEafro e Educafro, que beneficiam milhares de estudantes. No México, estima-se que quase 30 milhões de habitantes vivem em áreas inadequadas, onde movimentos comunitários constroem coletivamente práticas de vida urbana e disputam o direito à terra [10].

Além das sensíveis questões sociais, as cidades também são responsáveis por grande parte das emissões globais de gases de efeito estufa. Ao mesmo tempo, estão expostas aos impactos ambientais causados pela descontrolada poluição ambiental, como as intensas ondas de calor, inundações e tempestades. As mudanças climáticas agravam as desigualdades existentes, afetando desproporcionalmente comunidades vulneráveis. Apesar da necessidade de investimentos globais anuais entre US\$ 4,5 e 5,4 trilhões para uma infraestrutura urbana resiliente, o financiamento atual é de apenas US\$ 831 bilhões [11].

Com a expansão urbana desordenada, muitas cidades estão se desenvolvendo em áreas de risco, como zonas costeiras e regiões propensas a deslizamentos, aumentando a vulnerabilidade a desastres naturais. Estima-se que até 2040 mais de 2 bilhões de pessoas em áreas urbanas possam enfrentar um aumento adicional de pelo menos 0,5 °C



na temperatura, exacerbando os desafios relacionados à saúde pública e infraestrutura urbana [11].

Apesar disso, as cidades podem ser parte da solução das questões sociais e ambientais, promovendo soluções de baixo carbono através de um planejamento adequado e responsável. Uma abordagem centrada nas pessoas, com soluções baseadas na natureza e participação comunitária, integrada às políticas climáticas e aos objetivos de desenvolvimento urbano é uma solução viável para reverter a situação. Com compromisso político e financiamento adequado, as cidades podem liderar uma transformação social e climática justa e eficaz [11].

As periferias urbanas são espaços vibrantes de criação cultural, econômica e política, mobilizadas através da solidariedade, envolvendo uma reinvenção da própria identidade e do espaço urbano. Diante da ausência do poder público, as comunidades se organizam em redes informais de apoio mútuo, através de iniciativas coletivas, criando alternativas de acesso a direitos básicos como saúde, educação e segurança. Reimaginar o desenvolvimento urbano, enfatizando a importância de fortalecer a sociedade civil, pode promover uma democracia radical e integrar a sustentabilidade ambiental nas preocupações cotidianas das populações marginalizadas. Precisamos reconhecer e valorizar as práticas urbanas informais como formas legítimas de resistência e inovação social [12].

References:

[1] João Bosco Moura Tonucci Filho y Mariana de Moura Cruz, 2019. “O comum urbano em debate: dos comuns na cidade à cidade como comum?”. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbeur/a/vvKBPxKsVKgZpT5DGppj5Wp/?format=pdf&lang=pt>

[2] UN, 2018. “68% of the world population projected to live in urban areas by 2050, says UN”. Disponível em: <https://www.un.org/development/desa/en/news/population/2018-revision-of-world-urbanization-prospects.html>

[3] World Economic Forum, 2020. “How has the world’s urban population changed from 1950 to today?”. Disponível em: <https://www.weforum.org/stories/2020/11/global-continent-urban-population-urbanisation-percent/>

[4] “Censo 2022: 87% da população brasileira vive em áreas urbanas” Agencia de de Noticias IGBE, 2024. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/41901-censo-2022-87-da-populacao-brasileira-vive-em-areas-urbanas>



- [5] João Sette Whitaker Ferreira, 2002. Globalização e urbanização subdesenvolvida. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-88392000000400003>
- [6] Paula Soprana y Vitor Antonio, 2025. “Favelas paulistanas têm o quántuplo da densidade do resto da cidade e esgoto como maior gargalo”. Folha de S. Paulo. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2025/04/favelas-paulistanas-tem-o-quintuplo-da-densidade-do-resto-da-cidade-e-esgoto-como-maior-gargalo.shtml>
- [7] UN-Habitat Índia, 2023. Disponível em: https://unhabitat.org/sites/default/files/2023/06/10_india_country_report_2023.pdf
- [8] Ligia Guimarães, 2019. “Para moradores de Paraisópolis, vida média é 10 anos mais curta que no vizinho Morumbi”. BBC News Brasil. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-50666702>
- [9] Curso Território e Luta: o trabalho de base do movimento popular urbano. Aula Erminia Maricato. Disponível em: <https://youtu.be/eBrUUTbgXBY?si=Nlv8---UaPt39nnP>
- [10] Carolina Gómez Mena, 2023. “Viven en asentamientos irregulares entre 6.3 y 7.5 millones de familias”. La Jornada. Disponível em: <https://www.jornada.com.mx/notas/2023/08/23/sociedad/viven-en-asentamientos-irregulares-entre-6-3-y-7-5-millones-de-familias/>
- [11] United Nations Human Settlements Programme, 2024. “World Cities Report 2024: Cities and Climate Action.”. Disponível em: <https://doi.org/10.18356/9789211065602>
- [12] E. Pieterse, 2010. “City Futures: Confronting the Challenges of Urbanization”
-